

## **O Furo No Arco-Íris: A Transfobia Presente Na Comunidade LBTQIAP+<sup>1</sup>**

Cícero Rafael Santana DOS SANTOS<sup>2</sup>

Isadora Albuquerque AZEVEDO<sup>3</sup>

José Riverson Cysne RIOS<sup>4</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

Esse artigo busca compreender a problemática da transfobia dentro da comunidade LBTQIAP+ mediante a análise de três casos em que o preconceito partiu dessas pessoas. A metodologia aplicada foram as pesquisas exploratória e bibliográfica combinada com análise de caso. Os materiais utilizados para elaboração do artigo foram a publicação da matéria transfóbica As lésbicas acusadas de transfobia por recusarem sexo com mulheres trans nos principais veículos de imprensa brasileiros, as publicações da pensadora lésbica Clara Dantas, e o suicídio do ativista trans Paulo Vaz. Conclui-se que a comunidade LBTQIAP+ não inclui igualmente pessoas trans e é um ambiente também transfóbico.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo; Preconceito; LGBT; Transfobia; Saúde Mental.

### **CORPO DO TEXTO**

O presente artigo visa compreender a vivência trans, cujo gênero não se iguala ao sexo, no meio da comunidade LBTQIAP+, que reúne orientações sexuais e gêneros dissidentes. Apesar de a comunidade ser, na teoria, um ambiente acolhedor e revolucionário, episódios isolados de transfobia que partiram desse segmento inspiraram um olhar mais crítico e sistematizado sobre o movimento como um todo. De tal forma, foram encontradas veias de transfobia em diversos segmentos da comunidade LBTQIAP+ que se tornaram objeto de estudo da presente exploração. O artigo foi formulado utilizando a metodologia de análise de caso combinada com pesquisa exploratória de maneira a incorporar uma realidade pontual com embasamento teórico e científico. O seu objetivo é compreender a vivência de homens trans, mulheres trans e pessoas não-binárias; como são recebidos nesse ambiente; quais os impactos que a transfobia causa em suas vidas; os efeitos em sua saúde mental, taxa de suicídio e empregabilidade; e de qual maneira são impactados pela retórica de violência que encontra um eco perigoso no meio LBTQIAP+ que deveria estar unido em luta. Utilizando dados fornecidos pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 — Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo do ICA-UFC, email: isadoraazevedo79@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo do ICA-UFC, email: rafaelasantana4100@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFC, email: riverson@ufc.br

(ANTRA) a cerca dessa população que não é estudada pelo governo em seus múltiplos níveis, as revisões histórias de Susan Stryker, Martin Dubermann e Gilbert Herdt sobre as origens do movimento LGBTQIAP+ e sobre percepções histórias de gênero e sexo, o estudo de Ítala Raymundo Chinazzo sobre o impacto da violência retórica e física sobre a vida de pessoas trans, a análise que estuda o binarismo de gênero e o seu rompimento de Vitória Braga e Yáskara Padilha, e a retomada história das origens do conceito de ideologia de gênero feita por Richard Miskolci e Maximiliano Campana, o artigo busca uma base firme para ser capaz de concluir acerca da vivência trans. Os casos analisados foram a veiculação da matéria As lésbicas acusadas de transfobia por recusarem sexo com mulheres trans, produzida pela BBC do Reino Unido em inglês, nos principais veículos de imprensa de brasileira; os escritos transfóbicos da pensadora lésbica Clara Dantas que encontram espaço na comunidade lésbica; e o suicídio do ativista trans e policial civil Paulo Vaz, conhecido como Popó, e dos ataques a sua identidade de gênero após o fato ocorrido. Usando a repercussão midiática do artigo da BBC, o presente estudo se questiona sobre o conhecimento da população sobre a transgeneridade, a travestilidade e a transsexualidade e sobre a necessidade de veicular um produto que se utiliza de pesquisas falhas, como apontado pela comentarista política Natalie Wrynn e pelo youtuber Shawn, e de senso comum de poucas mulheres lésbicas para chamar de violento um segmento que é na verdade o maior alvo de preconceitos, violências sexuais e apagamento dentro da comunidade LGBTQIAP+. O texto se debruça extensivamente sobre acusações de que pessoas trans estão obrigando mulheres lésbicas a fazerem sexo e de que são homens disfarçados querendo entrar na comunidade LGBTQIAP+ para fazer exatamente isso. Ademais, apesar de ter encontrado protestos no Reino Unido da frente da sede da empresa, G1, Folha de São Paulo, BBC Brasil e Uol, citando somente os mais portais de maior alcance, replicaram o texto e não encontraram qualquer discussão na ampla sociedade, algo pouco surpreendente para o país que mais mata travestis e transsexuais no mundo, de acordo com a ANTRA. Uma das personagens do artigo, a atriz pornô lésbica Lily Cade, já era acusada publicamente de assédio sexual, quando foi incluída e publicou em suas redes sociais um manifesto em que atacava nominalmente mulheres trans e que desejava matar cada mulher trans de maneira pessoal. Ainda no meio lésbico, as publicações de Clara Dantas representam um crescente pensamento que une o feminismo radical trans-excludente e mulheres lésbicas. Ela ataca a existência como um

todo de pessoas não-binárias, reiterando o conceito biologizante de que vivências fora do binarismo de gênero enfraquecem a luta de mulheres e de que esse segmento quer somente “ser especial”, que discorda de séculos de história, seguindo a revisão histórica de Herdt. Além disso, chama pessoas trans e não-binárias de uma “militância queer” tentando minimizar mulheres; ataca crianças fazendo a transição de gênero; e enaltece o passado excludente do Brasil ao trazer de volta a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) que apaga inúmeras sexualidades e identidades de gênero que foram fundamentais para a articulação do movimento LGBTQIAP+, de acordo com Dubermann. É possível perceber, dentro da comunidade, uma retórica que se aproxima de correntes conservadoras e religiosas, em especial o conceito de ideologia de gênero, e fragiliza vivências trans, utilizando os conceitos estabelecidos por Miskolci e Padilha. Essa fragilização é demonstrada no suicídio do ativista Paulo Vaz, que foi acompanhado de insultos a ele e a seu marido nas redes sociais, ridicularizando sua vivência como homem trans e reiterando que homens gays se importariam somente com o pênis. O ambiente hostil, as agressões físicas e verbais, a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho e outros fatores advindos de preconceito e exclusão são as principais causas que afetam a saúde mental de pessoas trans, não a transição de gênero em si, seguindo o estudo de Chinazzo. Conclui-se, portanto, que embora a comunidade LGBTQIAP+ seja diversa e repleta de identidades de gênero, as pessoas trans muitas vezes enfrentam discriminação e marginalização dentro desse contexto. Manifestações de transfobia incluem a negação da identidade de gênero das pessoas trans, a invalidação de suas experiências, a utilização de termos pejorativos e a exclusão de suas vozes em espaços e eventos destinados à comunidade LGBTQIAP+. Essas atitudes prejudiciais e discriminatórias contribuem para a perpetuação de estereótipos negativos e a marginalização das pessoas trans. A transfobia dentro da comunidade LGBTQIAP+ pode ser atribuída a diversas causas. Uma delas é a falta de compreensão e conhecimento adequados sobre as questões relacionadas ao gênero. Muitas pessoas não estão familiarizadas com as identidades de gênero não conformes e podem reproduzir estereótipos e preconceitos enraizados. Além disso, a cisnormatividade, que é a suposição de que todas as pessoas são cisgênero, também pode contribuir para a transfobia, uma vez que as identidades trans são frequentemente invisibilizadas e desvalorizadas. A comunidade LGBTQIAP+ carece de figuras trans em papéis de liderança e proeminência e historicamente apaga essas figuras, afetando

também a representatividade desse segmento. Tendo o conteúdo do artigo em mente, a transfobia pode ser enfrentada nos eixos de educação e conscientização para desconstrução de estereótipos e preconceitos e de uma atuação estatal mais efetiva para proteger pessoas trans e cuidar de sua saúde física e mental, tirá-las da marginalização e fazer serem cumpridas as leis já existentes. É importante lembrar que combater a transfobia é uma responsabilidade de todos os membros da comunidade LGBTQIAP+. A construção de uma comunidade inclusiva e solidária requer esforços contínuos e um compromisso em promover a igualdade e o respeito para todas as identidades de gênero. A comunidade LGBTQIAP+ é heterodoxa e plural. Existem ainda questões de deficiência, raça, classe social, localização geográfica, religião, dentre outros que permeiam o meio e acrescentam ainda mais complexidade que a análise aqui feita não pôde se debruçar sobre. Todas essas questões convidam mais estudos para serem feitos sobre a comunidade e os preconceitos e as realidades que estão nela inseridos.

## REFERÊNCIAS

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). DOSSIÊ — assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. Disponível: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2022.

**CHINAZZO**, Ítala Raymundo et al. Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 5045-5056, 2021.

**DE JESUS**, Jaqueline Gomes. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *História agora*, v. 16, p. 101-123, 2013.

**DUBERMAN**, M. *Stonewall: the definitive story of the LGBTQ rights uprising that changed America*. New York: Plume, 2019. **HERDT**, G. *Third Sex, Third Gender: Beyond sexual dimorphism in culture and history*. Nova Iorque: Zone, 1994.

**MISKOLCI**, R. e **CAMPANA**, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado* [online]. 2017, v. 32, n. 03. Acesso em 22 de novembro de 2022, pp. 725-748. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>>.

**PADILHA**, V. e **PALMA**, Y. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. In: **CONGRESSO MUNDOS DE MULHERES**, 13., 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos [...] Florianópolis: 2017*. Disponível em: [https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499481481\\_ARQUIVO\\_FG2017completovifinal.pdf](https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499481481_ARQUIVO_FG2017completovifinal.pdf). Acesso em 17 de outubro de 2022.

**STRYKER, S.** Transgender History, Homonormativity, and Disciplinarity. *Radical History Review*. Duke University Press, Número 100, p. 145-157, 2008.